

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
Nº9. Año 4. Agosto-noviembre de 2012. Argentina. ISSN: 1852-8759. pp. 07-16.

Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re)significados da corporeidade na velhice

Old bodies and the beauty of dusk: a study on the meanings of corporeality in later life

Kelly Maria Gomes Menezes*

Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

kellymariagm@gmail.com

Maria Helena de Paula Frota**

Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

kellymariagm@gmail.com

Resumo

O envelhecimento da população constitui-se hoje como um fenômeno mundial, assim, torna-se cada vez mais relevante o estudo que versa sobre os significados do corpo na velhice, bem como as políticas públicas destinadas aos velhos. Os objetivos do presente estudo foram compreender os significados que os sujeitos dão ao corpo durante o processo de envelhecimento; analisar que tipo de estética os velhos atribuem aos seus corpos atualmente; investigar as mudanças corporais identificadas pelos sujeitos durante suas vidas. A fim de contemplar os objetivos com a profundidade que o tema e a metodologia demandavam, selecionou-se um Núcleo do PSBS em um bairro de Fortaleza, com um universo de 30 velhos, onde, para as entrevistas, tomou-se por base a amostra de seis participantes. Constatou-se, pois, que o corpo funciona como um marco do tempo e o marcador fundamental é a imagem do corpo jovem; e que a beleza do corpo velho, ressignificada pelos participantes, não está atrelada unicamente ao padrão convencional, porém à questão da saúde, da vitalidade e, sobretudo, da sensação de bem-estar.

Palavras chave: velhice; corpo; estética

Abstract

The aging population is nowadays a global phenomenon, so it becomes increasingly important to study the significances of the body in old age, as well as public policies for the elderly. The aims of this research were to understand the meanings the individuals give to the body during the aging process, analyze what kind of aesthetic the elderly attribute to their bodies today and investigate the body changes of individuals during their lives. To face these objectives with the depth the topic and methodology required, we selected a nucleus in a neighborhood of Fortaleza, with a population of 30 elderly people, where, for the interviews, we relied on a sample of six participants. It was found that the body works as a time frame where its main mark rest on young body image; also, that the beauty of the old body, re-signified by participants, is not linked solely to the conventional pattern, but to the issues of health, vitality, and above all a sense of wellbeing.

Keywords: old age; body; aesthetics

* Assistente Social, Mestra em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Professora Substituta do Curso de Serviço Social da UECE.

** Assistente Social, Doutora em Sociologia pela Universidade de Salamanca (USAL), Professora Efetiva do Curso de Serviço Social da UECE.

Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re) significados da corporeidade na velhice

Introdução: “Direito de amar”

O envelhecimento da população constitui-se hoje como um fenômeno mundial, uma vez que os números revelam o seu crescente aumento em relação às demais faixas etárias. O contingente da população mais velha nunca foi tão grande em todo o mundo e no decorrer de toda a história.

A Contagem da População do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) mostrou que, nos últimos sete anos, a população do Brasil cresceu a uma média anual de 1,21%. No ano 2000, eram 169.799.170 milhões de habitantes, aumentando para 183.987.291 milhões em 2007. Especificamente, com relação à população velha brasileira, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009, do IBGE, revela que o número de pessoas no Brasil com 60 anos ou mais chegou a cerca de 21 milhões. Considerando apenas as pessoas com mais de 75 anos (cerca de 5,5 milhões), os mais velhos no Brasil tomam proporções significativas.

Mais do que nunca, o tema do envelhecimento da população brasileira tem merecido destaque especial nas pautas de discussões e deliberações de direitos específicos para os velhos –destacam-se a Política Nacional do Idoso (PNI) em 1994 e o Estatuto do Idoso em 2003–, porém os estudos ainda são considerados incipientes para contemplar as particularidades que o segmento demanda.

Da mesma maneira, considera-se importante justificar a terminologia adotada em todo o trabalho com relação à palavra “velho”, tão estigmatizada e pejorativa na sociedade atual. Porém, corroborando com as ideias de Rubem Alves (2006), e com autores especialistas em gerontologia social, entende-se que os vocábulos “idoso”, “terceira idade”, “melhor idade”, “feliz idade” são uma maneira de eufemizar (ou maquiagem) esta fase da vida, trazendo à tona apenas a questão do “politicamente correto” ou do aspecto “legal”,

desconsiderando, assim, o lado afetivo, poético e, sobretudo, real da palavra “velho”.

Nesse sentido, esta pesquisa pretendeu responder à seguinte questão principal: Que significados sobre o corpo velho são produzidos pelos integrantes do Projeto em estudo? Visando complementar o problema de pesquisa, alguns questionamentos foram pertinentes enquanto estratégia de visão da totalidade: Como os sujeitos veem seus corpos na velhice? Existe uma estética, de acordo com as interpretações dos interlocutores da pesquisa, para o corpo velho? A partir do problema de pesquisa e das questões norteadoras, estabeleceram-se os objetivos geral e específicos do referido estudo: Compreender os significados que os sujeitos dão ao corpo durante o processo de envelhecimento; Analisar que tipo de estética os velhos atribuem aos seus corpos atualmente; Investigar as mudanças corporais identificadas pelos sujeitos durante suas vidas.

A escolha pela abordagem qualitativa deve-se a uma postura científica voltada para a compreensão de processos subjetivos, sejam grupais e/ou sociais que visam o estudo de indivíduos e de grupos através de seus discursos, costumes, tradições etc. (Minayo, 1998) A fim de contemplar os objetivos pretendidos com a profundidade que o tema demanda, optou-se pela História Oral Temática. As técnicas utilizadas foram: levantamento bibliográfico, observação direta, entrevista.

Com a finalidade de delimitar o campo de investigação para a realidade que se pretendeu apreender, o estudo da temática selecionou os velhos partícipes de um Núcleo do Projeto Saúde, Bombeiros de Sociedade (PSBS) desenvolvido pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE) através do Centro de Treinamento e Desenvolvimento Humano (CTDH) em Fortaleza–CE. A grosso modo, este Projeto realiza atividades

físicas dando ênfase especialmente à ginástica para as pessoas mais velhas.

Os critérios de escolha dos depoentes seguiram um perfil pré-definido, qual seja: possuir mais de 60 anos; ter pelo menos um ano de participação no PSBS; ser assíduo às atividades do PSBS; participar de alguma outra atividade lúdica e/ou artística; ter disponibilidade para as entrevistas e concordar com a publicização de todas as informações, alterando apenas o nome do depoente e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Do universo de 30 velhos no Núcleo escolhido, seis atenderam aos critérios, sendo quatro mulheres e dois homens. A seguir, segue resumidamente o perfil dos depoentes com seus respectivos pseudônimos:

1 – M.L., 67 anos, solteira, possui Ensino Médio completo, católica, mora sozinha, recebe o BPC, era engomadeira antes de aposentar-se, atualmente sua ocupação são as atividades domésticas. Será chamada de **Cora Coralina**, em alusão à poetisa que iniciou seus trabalhos em 1965, quando já tinha quase 76 anos de idade;

2 – D.C., 78 anos, separado, possui Ensino Fundamental completo, católico, mora com seis pessoas, recebe o BPC, era agricultor antes de aposentar-se, atualmente não possui nenhum tipo de atividade financeira. Seu pseudônimo será **Cartola**, grande sambista que conheceu o sucesso musical aos 65 anos;

3 – M.E., 72 anos, separada, possui Ensino Fundamental completo, católica, mora com quatro pessoas, não recebe benefícios previdenciários ou sociais, trabalha como lavadeira de roupas. Esta depoente atenderá pelo nome **Clementina de Jesus**, outra grande sambista negra, cuja descoberta do canto deu-se quando tinha 63 anos;

4 – E.L., 72 anos, casada, possui Ensino Fundamental completo, católica, mora com duas pessoas, recebe o BPC, nunca exerceu atividade laboral fora do lar, sendo ainda dona de casa. Será nomeada de **Hilda Rebello**, mulher que iniciou a carreira de atriz profissional com quase 65 anos;

5 – D.S., 63 anos, casado, possui Ensino Médio incompleto, católico, mora com duas pessoas, recebe o BPC, antes de aposentar-se era técnico em telefonia, atualmente não exerce atividade laboral. Este depoente será **José Saramago**, escritor português que atingiu o ápice da carreira aos 58 anos, quando publicou a obra *Levantando do chão*;

6 – A.R., 73 anos, casada, possui Ensino Fundamental incompleto, católica, mora com seis pessoas, recebe o BPC, nunca dedicou-se a nenhuma atividade laboral que não fosse a doméstica, sendo ainda dona de casa. Esta depoente será apelidada de **Chiquinha Gonzaga**, pianista que teve a coragem de reapaixonar-se aos 52 anos por um jovem de 16.

A interpretação dos depoimentos, foi baseada na Hermenêutica-Dialética proposta por Minayo (1996: 227) por concordar com a autora que a união da hermenêutica com a dialética “leva o intérprete a entender o texto, a fala, o depoimento, como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico.”

Este artigo está organizado da seguinte forma: “Culto ao corpo”, “Estereótipos do corpo belo”, “Existe uma estética para o corpo velho?”, “Considerações Finais”.

Culto ao corpo

A princípio, o corpo humano era analisado segundo a ciência positivista, ou seja, era visualizado como máquina de acordo com a perspectiva mecanicista em voga (Chauí, 1987). Em seguida, o corpo ganha uma dimensão biológica, sendo analisado agora sob o ponto de vista organicista. Quanto mais se aproxima o final do século XIX, mais o corpo é analisado como uma fonte de renda, produtiva e consumista, simultaneamente.

Já a partir do século XX, principalmente no Brasil, o corpo ganha novos significados e valores, passando de “máquina da sobrevivência” para objeto de conotação sexual e exposição da beleza. No entanto, a visão científica do corpo deixa de ser fragmentada, transformando-se em um estudo holístico. Dessa maneira, surge

(...) a área conhecida como **sociologia do corpo** (grifo do autor) [que] investiga os modos como nossos corpos são afetados, por influências sociais. Como seres humanos, somos corpóreos – todos possuímos corpos. Mas o corpo não é só algo que possuímos e não só é algo físico que existe fora da sociedade. Nossos corpos são profundamente afetados por nossas experiências sociais, assim como pelas normas e pelos valores dos grupos a que pertencemos (Giddens, 2005: 130).

O ideário de “corpo perfeito” vivenciado a partir do referido século provoca uma inibição a mais para a população velha, pois se o corpo considerado bom e ativo é aquele jovem e belo, o velho já está fora do estereótipo e, conseqüentemente, considerado inapto ao exercer as atividades corpóreas. As ilusões do mercado e da indústria da beleza, incrementadas no século XXI, trazem a concepção de uma vitalidade puramente estética, conforme reitera Costa (2001: 93):

Nas últimas décadas, há uma crescente difusa atenção, inclusive entre as pessoas idosas, aos tratamentos estéticos que visam rejuvenescer o corpo. A todo momento uma nova academia de ginástica é inaugurada, as novas modalidades desportivas como *body kombat*, *body attack*, *body pump*, *spinning*, *biker indoor*, entre outras e ainda novas técnicas de alongamentos, musculação, prática de saúde alternativas, estética corporal são introduzidas no mercado transformando os gestos em pura mercadoria de consumo. A corpolatria, como os autores explicam, é um processo responsável pela cisão do homem consigo mesmo, produzido pela relação homem/capital.

Ory (2008: 160) acrescenta que “talvez, no fundo –quer dizer, na forma–, a principal mudança aqui seja, na escala do século, de ordem econômica, portanto social, “com a constituição de redes de empresas especificamente dedicadas aos tratamentos de beleza, desde a produção até a comercialização.”

Uma importante consequência dessa reviravolta dos tratamentos corpóreos com o advento da indústria da beleza foi que induziram os indivíduos a tornarem-se cada vez mais “consumidores de serviços de saúde”, adotando uma postura ativa diante de sua própria saúde e bem-estar (Giddens, 2005).

Além disso, o corpo passa a ser o lugar de referência sobre quem éramos e, conseqüentemente, sobre quem somos, assim os indivíduos vivenciam a velhice primeiramente no corpo. A esse respeito, dois depoentes relatam significados sobre as mudanças em seus corpos, afirmando que não mudaram nada ou quase nada, principalmente numa análise comparativa com o outro:

Como eu era antes? **Eu não mudei muita coisa** não, sabia?! Sempre fui desse corpo que a senhora *tá* vendo, nunca fui gordão. Sempre comi bem, mas nunca tive corpo *pra* engordar. Então, acho que por isso nunca mudei tanto. **Eu vejo colega meu do meu tempo da juventude que hoje *tá* acabado**, barrigudo,

cheio de doença. [...] Eu, graças a Deus, só tenho mesmo a *diabete* e assim mesmo é controlada direto na base do remédio, nunca deixo faltar esse comprimido, recebo na farmácia! **Eu me sinto muito saudável** porque sempre fui homem trabalhador do campo, por isso não estudei que prestasse. Tinha mulher e quatro *filhos pra* sustentar que *tão* [os filhos] comigo até hoje (**Cartola**).

Eu como era antes? Sempre fui bonitinha, sempre fui muito bem feita, vaidosa. Só andava pronta! [...] Tanto é que todo mundo se assusta quando eu digo minha idade, pouca gente acredita que tenho 73 anos porque **as minhas amigas da minha época estão todas velhas mesmo! Eu antes só era mais magra**, a gente vai envelhecendo e ganhando carne (risos). Eu como pouco e mesmo assim tenho barriga, não sei o que é isso! Já fui *no* médico porque fiquei com medo de ser alguma doença, mas não! Só tenho problema mesmo de *diabete*. Às vezes eu como doce, deve ser por isso! (risos) Minha filha, a gente morre de todo jeito, então **prefiro morrer feliz!** Tem coisa melhor que doce? [...] Não como todo dia, mas numa festa, uma reunião, uma coisa uma vez na vida, eu como mesmo, não *tô* nem aí! **A gente perde tanta coisa na vida, eu quero ter esse prazer de comer doce** uma vezinha ainda! (**Hilda Rebello**).

Assim, os depoimentos vão ao encontro da teoria de Beauvoir (1990: 361) quando ela afirma que o indivíduo não se enxerga como velho, pois não vê as transformações ocorridas no corpo, mas sim no outro:

Nada nos impõe interiormente a necessidade de nos recolhermos na imagem que nos foi fornecida pelos outros, e que nos amedrontava. É por isso que é possível recusá-la verbalmente, e recusá-la também através de nosso comportamento, sendo a própria recusa uma forma de assunção. É uma opção freqüente (sic) entre certas mulheres que apostaram tudo na sua feminilidade, e para quem a idade é uma radical desqualificação. Com as roupas, a maquiagem, os gestos, elas procuram atrair alguém, mas procuram, sobretudo, convencer-se historicamente de que escapam à lei comum. Agarram-se à idéia (sic) de que “isso só acontece aos outros” e que, para elas, que não são os outros, “não é a mesma coisa”.

Por conseguinte, os velhos atuais estão bem menos propensos a aceitar o envelhecimento como um processo inevitável de deterioração do corpo. Aqui pode-se mais uma vez traçar o impacto da socialização da natureza. O processo de envelhecimento era geralmente aceito como uma fatal manifestação da devastação do tempo. Mas, cada vez mais, a velhice não tem sido encarada como algo natural; os avanços na medicina e na nutrição tem mostrado que muito do que um dia foi considerado inevitável sobre o envelhecimento

pode ser contestado ou retardado. Em média, as pessoas atingem idades bem mais avançadas do que há um século, como resultado de melhorias nos cuidados com nutrição, higiene, saúde etc. (Giddens, 2005)

As práticas mais modernas de hábitos considerados saudáveis, “[...] o movimento que atinge o maior número [de velhos] é o referente à nova forma de organizar a concepção da limpeza pessoal, que é, correlativamente, uma nova organização da sensibilidade olfativa” (Ory, 2008: 171).

No entanto, a maioria dos depoentes admite que as mudanças corporais são evidentes diante do espelho e que existe uma diferença, sempre existe algo que não era como antes:

Ah, **antes eu era diferente**, os rapazes todos queriam sair comigo, era demais. O corpo parecia um violão. Só depois de ter filho é que ele **[corpo] foi mudando (Cora Coralina)**.

Meu corpo era sem rugas, *né?! (risos)* Esses “pés de galinha” vão aparecendo e a gente nem se dá conta, **o tempo passa rápido, né?! Por isso que é bom a gente aproveitar a mocidade, o tempo passa voando e ninguém percebe. Pra mim, até ontem eu era muito diferente, [...]** queria que você tivesse visto como eu era! Eu tenho foto, tem gente que nem acredita que sou eu (risos) **(Hilda Rebello)**.

Hoje em dia eu me acho feio demais! (risos) Mas não me preocupo muito com a “casca” não. O que importa é o que a gente é por dentro. Eu graças a Deus sempre fui homem digno, honesto e batalhador. **Nunca me preocupei com a aparência** não, minha mulher se preocupa mais, mas eu não. Nem quando era rapaz me preocupava com essas bobagens. Desde menino que a minha arrumação é: tomar banho, vestir uma roupa qualquer e pentear o cabelo. (risos) [...] Mais que isso é *perca* de tempo. A gente tem é que embelezar o que tem por dentro **(José Saramago)**.

Eu não tinha esse corpo que você tá vendo não, era bonita... minha pele era de pêssego, parecia a de um bebê! **Em compensação eu me acho mais feliz hoje.** A gente quando é mais nova faz muita besteira. **Com o tempo, a gente muda o corpo, mas também muda a mente. Vai amadurecendo, né?! Ideal era se eu tivesse o corpo e o rosto de antes e a cabeça de hoje.** Ia ser bom demais, mas não se pode ter tudo, *né não?! A vida joga essas brincadeiras pra nós [...]* **(Chiquinha Gonzaga)**.

Por mais que os indivíduos tenham encontrado uma imagem mais ou menos convincente, mais ou menos satisfatória, eles vivem a velhice inevitável desses corpos: “Não é ele [o

corpo em si] que nos vai revelá-la; mas, uma vez que sabemos que a velhice o habita, o corpo nos inquieta.” (Beauvoir, 1990:369) Observa-se que ao mesmo tempo em que assumem as diferenças corporais advindas da idade, os velhos sentem uma relativa inquietação referente a quem eram e como são agora.

Com muita frequência, o peso do corpo conta menos que a atitude adotada para com ele, mas é evidente que as peculiaridades ocasionadas por fatores biológicos diminuem o vigor e demandam especificidades:

O envelhecimento do corpo é afetado por influências sociais, mas é claro que também é governado por fatores genéticos. Os biólogos geralmente aceitam que o ser humano tem uma máxima de duração de vida governada por seus genes –*pensa-se ser por volta de 120 anos*–. Como todos os animais, o corpo humano é geneticamente preparado para morrer (Giddens, 2005: 146).

Cultuar o corpo é uma prática comum desde os primórdios da Modernidade, como uma maneira de valorizar o corpo que havia sido massacrado pela cultura teocêntrica medieval. Os auto-retratos dos pintores velhos demonstram como os artistas, através de seus rostos, exprimem a relação fatalista que tinham com a própria vida, e com o mundo.

Estereótipos do corpo belo

Os estereótipos são grandes armadilhas de leitura da realidade, já que passam a ditar os estilos de vida dos indivíduos. Essa estetização da vida social, fundada no hedonismo e no narcisismo, atingiu principalmente as mulheres, conforme já evidenciado. Cada vez mais

[...] o corpo do homem do século XX –que vai ser durante muito tempo, em primeira linha, um corpo de mulher– será submetido às incertezas de um tríplice regime, cosmético, dietético e plástico, considerado aqui em uma ordem crescente de novidade em comparação com as práticas antigas (Ory, 2008: 159).

No que se refere ao tratamento direto da pele e, especialmente, da pele do rosto, o século não assiste tanto a uma revolução –visto que já não se trata de uma novidade–, e sim a uma permanente modernização. A luta contra os sinais do envelhecimento a qualquer custo confere, em compensação, o máximo de terreno às operações cirúrgicas que tem por objetivo eliminar, atenuar ou

retardar rugas, manchas e outros sinais de decrepitude.

Nesse sentido, observa-se que os depoentes significaram seus corpos a partir do belo e alguns relatos que sugerem que os velhos têm procurado meios –ou pelo menos gostariam se tivessem condições financeiras– para mudar o corpo, numa tentativa de recuo do envelhecimento:

Mas eu **não me acho feia** não, eu **me acho até bonita** pra minha idade. Quando eu **me arrumo** todo mundo me elogia. Gosto de pintar o cabelo, fazer a unha... Só não gosto muito é de maquiagem [...] (**Cora Coralina**).

Olha, se eu for dizer pra senhora que me acho feio eu vou estar mentindo, eu não sou como quando era rapaz é claro, mas **sou até distinto**. Quando eu **me arrumo**, dou até pro gasto (risos) [...] (**Cartola**).

Até os 40 anos de idade eu não tinha um cabelo branco, nada, nada... Você *tá* vendo assim [cabelo sem fios brancos aparentes] porque eu pinto, pinto direto, senão fica parecendo um algodão (risos). Mas eu digo assim, **mas é só o que me incomoda: o cabelo e as rugas!** [...] Mais as rugas porque o cabelo tem jeito, a gente pinta e pronto, mas as rugas só plástica, *né?* E aquelas injeções [referindo-se ao botox]. **Se eu tivesse dinheiro eu fazia [cirurgia plástica]**, meu filho diz que não deixava, mas eu *enfrentava ele* e fazia (**Clementina de Jesus**).

Até hoje eu só saio de casa se me pintar [maquiagem]. Eu acho que a gente que é mulher tem que ser assim: **cuidar de si**. [...] Por isso que eu **não me considero feia**, porque eu **me arrumo**. Mulher desarrumada é a coisa mais feia que existe! Pois eu venho pronta até *pros* Bombeiros [PSBS], eu vejo as velhas que vem *parece* que acabaram de acordar, um desleixo só, Deus me livre! Eu **sempre me arrumei** pro meu marido e até hoje ele me acha bonita (**Hilda Rebello**).

Eu sou feliz de como sou hoje, tirando os problemas de saúde, **eu nem me acho idosa. Me acho madura, mas muito velha não** (**Chiquinha Gonzaga**).

Ory (2008: 166) atribui a intensa procura por cirurgias plásticas e tratamentos estéticos à busca desenfreada pelo estereótipo do corpo belo ao progressivo desnudamento dos corpos e, em primeiro lugar, do corpo feminino, o qual “relativiza o papel concedido à cosmética e parece justificar os recursos a tipos de intervenção mais profundas, dado que se trata de exigir uma parte crescente, ou mesmo a totalidade, da própria anatomia.”

Os indivíduos agora, através dos meios práticos cirúrgicos e estéticos, estão aptos a satisfazerem dois sonhos de dominação provavelmente tão antigos como a humanidade: “o da conformidade com os cânones da beleza, em

particular no que tange aos atributos sexuais (lábios, seios, nádegas...), e ao da luta contra o envelhecimento ou, pelo menos, da sua aparência corporal” (Ory, 2008: 167). A força do mito da beleza, aliada à instituição de um padrão estético que exalta a juventude, aprisiona as pessoas aos ditames das tendências e definições da moda.

Além da exigência de boa aparência ditada, dentre outras coisas, pela moda, a dinâmica do efêmero descarta qualquer possibilidade de beleza no velho. O novo é visto como o melhor, que está sempre na frente, com recursos mais avançados e modernos. Na realidade, o consumo ostentatório está em busca de atingir o maior número de consumidores possíveis e, assim, obsoletizam os produtos numa rapidez cada vez mais desenfreada.

O simples adornos “[...] tende a singularizar-se cada vez mais, mesmo que os fenômenos da moda suscitem sempre, em sua esteira, comportamentos conformistas [...]”. A trajetória do século tende a, gradativamente, reduzir os adereços sempre mais “à imediatividade do corpo, sem a ocultação de dispositivos materiais” (Ory, 2008: 178-179).

Entretanto, as condições financeiras não são favoráveis para àqueles que, mesmo desejando muito, tenham a intenção de submeter-se a processos de cirurgia plástica e/ou tratamentos estéticos. Muitos dos velhos brasileiros sobrevivem do BPC e dividem este provento com o restante dos membros da família. Assim, além das razões econômicas

(...) graças às quais existem na mesma cidade, proporcionalmente, mais institutos de beleza nos bairros residenciais que nos bairros populares, permanece a distância cultural. Todas essas revoluções vêm (sic) do Ocidente, inclusive quando tomam de empréstimo ou pretendem tomar de empréstimo do Oriente. Todas essas evoluções vêm (sic) das “classes superiores”, mas necessitam mais que nunca de uma adesão das “massas”, a cujos interesses devem atender. (Ory, 2008: 195).

A necessidade de sentir-se belo ao olhar do outro instiga os indivíduos a procurarem cada vez mais salões de beleza e procedimentos estéticos. Os velhos passam por esse mesmo processo de estetização da vida social, o qual suscita a valorização estética do corpo, cada vez mais objeto de uma cultura pautada sob signos do consumo e da produção em massa.

Existe uma estética para o corpo velho?

Será que existe uma estética do corpo velho na sociedade contemporânea, um aspecto considerado belo em seu corpo, enfim, uma representação da corporalidade fora dos padrões que a mídia bombardeia? Estética aqui entendida como Maffesoli (1996: 156) apregoa:

Assim, com prazer-se na aparência, ligar-se aos jogos das formas é reconhecer que a estética –no sentido que muitas vezes dei a esse termo: o de emoção comum– inscreve-se na globalidade do dado natural e social, e que é um elemento de destaque para compreender essa mesma globalidade. Foi o que chamei de “paradigma estético”.

De todas as áreas que a filosofia já se debruçou, a estética aparece como aquela que possui o menor grau de uniformidade entre os autores, oscilando entre a “dignificação da beleza natural” ou artística, entre o “aspecto conceitual” ou sensível, entre uma “metafísica do belo” ou “relação empírica do gosto”, entre uma abordagem abstrata, geral, e a crítica de obras determinadas etc.

Sobre isso, Freitas (2003: 19) assevera: “Ela [indústria cultural] vende constantemente a imagem estereotipada do que é bom, mal, traiçoeiro, feminino, masculino etc. Fica-se acostumado a somente entender o que já se encaixa no modelo previamente estabelecido nesses estereótipos”.

A estética, assim, deve refletir sobre a possibilidade de existência da arte, como algo que não está garantido de antemão, devido precisamente à voracidade com que o espírito capitalista permeia todas as produções do espírito humano, não sobrando espaço para os momentos de contemplação de outras formas de beleza (Freitas, 2003).

De acordo com Rubem Alves (2008), a aparência estética é o objetivo de todas as pessoas: “A gente está em busca da beleza”. Para justificar a afirmativa, o autor recorreu a um poema de Fernando Pessoa sobre a história da Bela Adormecida. O texto leva à reflexão de que, nas suas próprias palavras: “eu amo uma pessoa não quando ela é bonita, mas quando eu me vejo bonito aos olhos dela.”

Durante a coleta dos depoimentos, a entrevistadora mostrou um espelho para cada depoente onde puderam observar-se. Nesse momento, várias atitudes foram tomadas, desde

risos, sustos e até olhos marejados. Apesar das reações diversas, todos os depoentes ficaram pelo menos por um minuto como que num instante de contemplação, como se quisessem ver para além daquele espelho o que foram um dia.

Quando indagados sobre a imagem que viam refletida no espelho e as lembranças de como eram, todos descobriram significados positivos em seus corpos hoje:

As rugas não me incomodam porque representam tudo isso que eu tive, que eu tenho, *né?! É bom, foi bom.* [...] Vivi muito bem graças a Deus, não tenho do que reclamar, **mas eu ainda me acho muito nova, viu?! Me sinto bem, me sinto forte.** Vou sempre ao médico, ele diz que eu não tenho problema numa unha, elogia que sou uma mulher “de atividade”. É porque se eu tivesse ficado no fundo de uma rede, eu acho que eu já tinha era morrido de tristeza, de desgosto... [...] **Se a gente não faz nada, a gente morre (Cora Coralina).**

[...] **Mudou, né?! Mas tô muito bem assim,** não me queixo de nada. Hoje em dia em **me sinto forte** como um touro, meu pai morreu com 97 anos, acho que eu também vou beirar os 100 [anos]. Agora, se eu morrer é só dessa doença [diabetes] porque **eu acho que eu vivo muito ainda, viu?!** Meu filho mais novo é que diz: “Papai tem mais saúde que nós *tudo!* (risos) [...] Eu não quero morrer tão cedo, só se for mesmo dos planos de Deus, **mas eu acho que ainda tenho muita coisa pra viver (Cartola).**

Mesmo assim eu **não me acho muito feia** não (risos). **Só não sou mais como antes...** sou uma velha até apresentável! [...] eu me considero é sortuda, acho que ainda tenho um “estirão” pra viver (**Clementina de Jesus**).

É, **antes era melhor** [a imagem no espelho], *né?! Ô tempo bom que não volta mais!* [lágrimas nos olhos] É, minha filha, a vida nunca foi fácil *pra gente*, mas com todo sacrifício **era tempo bom demais!** [...] **Mas eu ainda vou durar muito,** mas o meu marido eu não sei, muito relapso com a saúde dele. Eu vivo dizendo: “Com saúde não se brinca!” Por isso que **a gente aproveita a vida ao máximo,** eu vivo chamando ele *pros cantos.* **A vida é curta, passa rápido demais** (Hilda Rebello).

Essas pregas [rugos] que a senhora *tá* vendo na minha cara não *vale nada pra mim,* não me *entristece* de jeito nenhum. Eu sou o que eu sou! Ando de bengala porque tenho hérnia de disco, aí vou ter vergonha da bengala? De jeito nenhum! Faz parte de quem eu sou hoje! [...] Esses óculos, essa bengala é o que eu sou! **Eu sou feliz sendo idoso, apesar de ser novo ainda, sou feliz de estar chegando na velhice (José Saramago).**

Na minha modesta opinião, eu **ainda tenho uma “formosidade” só que diferente.** [...] não sei, **não é a mesma beleza da juventude**, claro, **mas é diferente.** Feia, feia, eu não acho que seja não. Nem o meu marido que já tem a pele ruim por causa do sol eu acho feio, só é sofrido mesmo. Já tive depressão porque tava com a auto-estima muito baixa, mas hoje, graças a Deus, não sinto mais essas coisas, **tô me sentindo é bem (Chiquinha Gonzaga).**

Contata-se que a beleza encontrada pelos participantes nessa fase de suas vidas não está atrelada unicamente ao padrão convencional ditado pela cultura midiática, mas à questão da saúde, da vitalidade e, sobretudo, da sensação de bem-estar. Esta nova concepção de beleza torna-se cada vez mais evidente na medida em que a condição de envelhecimento passa por uma profunda transformação, em todos os sentidos, assim, gradativamente, torna-se

(...) uma maneira estética de ser que tende a prevalecer em nossas sociedades. No entanto, esclarecemos que a estética em questão não é, de nenhuma forma, aquela que se pode situar no domínio das belas-artistas: ela as engloba, mas também se estende ao conjunto da vida social. A vida como obra de arte de algum tipo, ou ainda a estética, como maneira de sentir e de experimentar em comum. (Maffesoli, 1995: 53)

As reações trazidas pelas lembranças e a atual imagem refletida no espelho são evidentemente mais incômodas nas mulheres, uma vez que sofrem mais a imposição de um padrão rígido de beleza. Além de serem o alvo preferencial da indústria da beleza, as mulheres são mais expostas aos critérios de “eterna juventude” tão em voga na denominada sociedade do espetáculo.

A aparência, do corpo e do rosto, informa com muito mais propriedade sobre o passar dos anos. Porém, como essas mudanças estão acontecendo num não-cessar e de maneira muito gradual, os indivíduos não se dão conta. Os depoentes puderam experimentar um certo saudosismo porque estavam num momento de profundas lembranças sobre seus corpos jovens, mas, no cotidiano, seus olhares para o espelho não os fazem refletir sobre essas mudanças. Estas se dão de forma tão natural que

(...) é preciso já ter consciência da própria idade para decifrá-la no corpo. [...] os doentes idosos consultam muito menos os médicos e consomem muito menos medicamentos que os doentes mais jovens. Foram formados numa sociedade na qual as pessoas cuidavam-se menos que hoje: essa explicação não

basta, pois, em muitos outros pontos, eles caminham com seu tempo (Beauvoir, 1990: 350).

Atualmente, então, com o avanço da tecnologia digital em câmeras fotográficas, podemos ter acesso à imagem de uma forma muito mais nítida, dando vazão a detalhes que não eram, até então, detalhados. Antes da denominada sociedade da imagem, havia consenso dos corpos jovens com os velhos. As fotografias, então, também representam outro elemento que comprovam a surpresa da chegada do envelhecimento.

Considerações finais: “direito de morrer”

Constata-se, pois, que o corpo funciona como um marco do tempo e o marcador fundamental é a imagem do corpo jovem. Com a velhice, os desempenhos corporais vão diminuindo e, conseqüentemente, o seu valor no seio da sociedade. O corpo velho é pensado, portanto, a partir de uma ausência, é a negação desse marco de corpo jovem, partindo do pressuposto de que quem é velho não corre, não faz sexo, não se mexe, etc. Essa ideia revela o preconceito que a sociedade sente em relação a esse novo corpo velho, transformando-o numa espécie de máquina quebrada que é colocada no quarto dos fundos ou enquanto objeto de decoração rústica.

É sabido que existem vários fatores de ordem fisiológica, psicológica, religiosa, econômica, que influenciam na perda da sexualidade com o passar do tempo. Outras razões que ocorrem no cotidiano podem não afetar diretamente o velho, mas terminam por sensibilizá-lo de tal forma que a sexualidade, um dos significados do corpo, fica mais debilitada. Além desses fatos que repercutem na vida sexual dos velhos, o preconceito também pode ser uma razão para a relativa perda da atividade sexual na velhice, a maioria dos relatos demonstra que a sexualidade não envolve apenas o ato sexual em si, mas que outros sentimentos –tais como a afetividade, a ternura ou, simplesmente, o contato com o outro– provocam sensações extremamente satisfatórias.

Por conseguinte, os velhos atuais estão bem menos propensos a aceitar o envelhecimento como um processo inevitável de deterioração do corpo. O processo de envelhecimento era geralmente aceito como uma fatal manifestação da devastação do tempo. Mas, cada vez mais, a velhice não tem sido encarada como algo natural; o avanço na medicina

e na nutrição tem mostrado que muito do que um dia foi considerado inevitável sobre o envelhecimento pode ser contestado ou retardado. Em média, as pessoas atingem idades bem mais avançadas do que há um século, como resultado de melhorias nos cuidados com nutrição, higiene, saúde etc. (Giddens, 2005).

A necessidade de sentir-se belo ao olhar do outro instiga os indivíduos a procurarem cada vez mais salões de beleza e procedimentos estéticos. Os velhos passam por esse mesmo processo de estetização da vida social, o qual suscita a valorização estética do corpo, pois significam seus corpos a partir da concepção do belo e cada vez mais tornam-se objeto de uma cultura pautada sob signos do consumo e da produção em massa.

Conclui-se que a beleza, ressignificada em seus corpos e encontrada pelos participantes nessa fase de suas vidas, não está atrelada unicamente ao padrão convencional ditado pela cultura midiática, mas à questão da saúde, da vitalidade e, sobretudo, da sensação de bem-estar. Esta nova concepção de beleza torna-se cada vez mais evidente na medida em que a condição de envelhecimento passa por uma profunda transformação, em todos os sentidos.

Ao contrário do que se imaginava, o corpo velho possui sim uma estética própria, longe dos ditames proclamados pela cultura de massa, trata-se da beleza do crepúsculo descrita poeticamente pelo mestre Rubem Alves (2001), em *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. O crepúsculo significa o fim do dia, possui uma tristeza e uma efemeridade que lhe são próprias, mas não deixa de ser belo. Para Lygia Fagundes Telles: “a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.”

. Bibliografia

- ABIGALIL, Albamaria; FERRIGNO, José C.; LEITE, Maria L. C. de B. (2006) "Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer ao exercício da cidadania" in: FREITAS, Elizabete V. de, et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- ALBERTI, Verena (1990) *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- ALVES, Rubem (2001) *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. São Paulo: Papirus.
- _____ (2006) *Os velhos se apaixonarão de novo*. São Paulo 08 agosto 2006. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/cronicas/cronica49.htm>>. Acesso em: 20 maio 2010.
- BEAUVOIR, Simone de (1990) *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Monteiro, 4. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A.
- BOSI, Ecléa (2004) *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRASIL, República Federativa do (2003) *Estatuto Nacional do Idoso*. Brasília, DF.
- _____ (2004) *Política Nacional do Idoso* (1994). Brasília.
- CAMARANO, Ana A. (2002) *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Rio de Janeiro: IPEA.
- CHAUI, Marilena (2000) *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- COSTA, Geni de A. (2001) "Corporeidade, atividade física e envelhecimento: desvelamentos, possibilidades e aprendizagens significativas" In: KACHAR, Vitória. *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez.
- DEBERT, Guita G. (1999) *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.
- FREITAS, Verlainne (2003) *Adorno & arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FROTA, Maria Helena de P. & OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. (Orgs.) (2004) *Família, gênero e geração: temas transversais*. Fortaleza: EdUECE.
- GIDDENS, Anthony (2005) "Sociologia do corpo: saúde, doença e envelhecimento" en: Giddens, A. *Sociologia*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 128-149.
- GOLDENBERG, Mirian (Org.) (2011). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LE BRETON, David (2006) *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- MAFFESOLI, Michel (1995) *O tempo das tribos (o declínio do individualismo nas sociedades de massa)*. Rio de Janeiro: Forense.
- MINAYO, Maria C. de S. (Org.) (1996) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis.
- MONTEIRO, Pedro Paulo (2003) "Espaços internos e externos do corpo: envelhecimento e autonomia" In: *Revista Serviço Social & Sociedade*, Nº 75, Cortez.
- MORIN, Edgar (2003) *X da questão: o sujeito à flor da pele*. Porto Alegre: Artmed.
- NERI, Anita L. (1991) *Envelhecer num país de jovens*. Campinas: UNICAMP.
- ORY, Pascal. (2008) "O corpo ordinário." In: COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Tradução e Revisão de: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.

Citado.

GOMES MENEZES, Kelly M. y FROTA, Maria Helena (2012) "Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re) significados da corporeidade na velhice" en: *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad – RELACES*, Nº9, Año 4. Agosto-noviembre de 2012. Córdoba. ISSN: 1852.8759. pp. 7-16. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/162>

Plazos.

Recibido: 28/03/2012. Aceptado: 12/07/2012.